

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Gazeta de Notícias

Class.:

130

Data:

23.12.82

Pg.:

Vieira e os índios pataxós

Em carta enviada a D. João IV de Portugal, o Padre Antonio Vieira já em 1654 se queixava amargamente das barbaridades praticadas pelos brancos na opressão dos índios. Vieira denunciava, em documento anterior (escrito em 1653), "os grandes desamparos dos índios".

No início deste século, um brasileiro que se chamou Cândido Mariano Rondon, apoiado por brilhante equipe de jovens oficiais de formação positivista (um deles, o futuro General Manuel Rabelo) desbravou sertões, estabeleceu a paz entre brancos e índios e ao mesmo tempo levou ao conhecimento da Nação atrocidades cometidas contra antigos habitantes de nossa terra.

Cerca de setenta anos depois da Missão Rondon, o que se faz na Bahia com os pataxós demonstra que se ainda houvesse um rei em Portugal e catequistas semelhantes ao Padre Antonio Vieira, novas cartas haveriam de ser mandadas a Lisboa, contendo em suas linhas o mesmo clamor contra a perseguição e a exploração do índio.

Antes, na denúncia do jesuíta, chamava-se a atenção de D. João IV quanto ao destino que se deveria dar aos índios "achados de cordas nas entradas do sertão". Esses "achados de corda" eram índios encabrestados como animais, para o trabalho escravo. Vieira citava membros de outras ordens religiosas, com a devida cautela. Mesmo assim comunicava a Lisboa que os religiosos não deveriam "ocupar em interesses particulares, em suas fazendas e lavouras de tabaco e canaviais índios livres". O que significavam o reconhecimento da existência de índios escravos. Mas isto ocorria em tempos bárbaros, cuja rudeza se generalizava, não só entre leigos, como também contaminando clérigos que Vieira buscava atrair para o bom caminho.

Que dizermos, então, do que ocorre mais de duzentos anos depois no Sul da Bahia? Sob a direção do cacique Saracura, seiscentos pataxós lutam pela reintegração de terras a eles concedidas pela própria lei dos brancos, ou seja, a lei do Governo, que homens da FUNAI, contrariando a truculência de poderosos grileiros, procuram fazer cumprir, num arremedo, embora pálido, das tentativas de Vieira, ao escrever que em 1653 "os portugueses moradores nestas plagas vivem em necessidade espiritual pouco menos que extrema". Por isso o grande homem que foi ao mesmo tempo cultor do idioma português dirigiu-se a Lisboa pedindo medidas "contra os que entravam nos sertões para prender e escravizar índios". Mais ou menos o que hoje acontece, na terra do cacique Saracura, assim como na terra de onde veio para o asfalto carioca o cacique Juruna e em todas as nações indígenas ainda exterminadas por completo no Brasil. Muito embora todos nós, brancos e não propriamente brancos, nos deixemos comover, arrepiados de patriotismo, quando ouvimos, ampliados pela acústica do Teatro Municipal, os acordes do "Guarani".

Quando mal se iniciava a formação do Brasil, através da produção agrícola, o "mais cruel trabalho", que segundo Vieira era o das lavouras de fumo, tinha que ser executado pelos "índios de corda", cujo tratamento, por parte dos brancos, assemelhava-se ao concedido às alimárias.

Em nossos dias, os pataxós do cacique Saracura e os xavantes do cacique Juruna ainda comem o mesmo pão que o diabo amassou, em nome da civilização.